



A RECONFIGURAÇÃO IDENTITÁRIA DO SUJEITO NO ENTREMEIO DAS LÍNGUAS E SEUS EFEITOS NO PROCESSO DE ENSINO

Giovani Forgiarini Aiub¹

Considerando o ensino de línguas pautado em uma posição teórica que tome o sujeito como parte das práticas de linguagem, um sujeito cindido, cuja identificação com uma língua nunca é de toda forma plena, este trabalho busca observar, através dos pressupostos da Análise do Discurso, a constituição identitária do sujeito no entremeio das línguas materna e estrangeira, ou seja, um sujeito em processo de aprendizagem de uma língua outra. Assim, entende-se que a relação do sujeito com as línguas (materna e estrangeira) ancora-se num ponto em que a língua materna é, de certa maneira, protagonista no processo de estabelecimento de redes de significação, pois o sujeito a mobiliza pelo seu caráter estruturante e realiza movimentos de afastamentos e de similitudes em relação às redes de significação instauradas pelo laço com a língua primeira. Em outras palavras, a língua estrangeira não surge ao sujeito como totalmente nova (mas pode dar a ele este efeito), tampouco é apenas um redizer da língua materna (como se fosse apenas uma substituição lexical), a língua estrangeira é o lugar do qual o sujeito diz estabelecendo *outras* redes de significação (semelhantes ou não as da língua materna), transformando *seus* modos de dizer. Assim, parte-se do pressuposto de que existe um *conjunto de modos de dizer do/no sujeito* que são constituídos a partir da inscrição deste sujeito em uma língua estruturante².

Toma-se o processo subjetivo de inscrição em uma língua estrangeira como algo que produz no sujeito movimentos. Razão pela qual pode-se dizer, em conjunto com Celada (2008, p. 149), que “o processo de aprender uma língua estrangeira deve ser entendido como de *assujeitamento*, pois se trata da submissão de um sujeito às formas de dizer e à memória de sentidos que ela produz”. Assim, entende-se que se submeter às *formas de dizer* de outra língua é se chocar com este outro, com o estranho, é dar de encontro com um conjunto de modos de dizer distinto. E este conjunto de modos de dizer se liga à memória, às redes de significação, à historicidade daquela língua, dando certos contornos (contornos estes sempre instáveis e movediços). Seguindo nesta linha de formulações, Celada (2008, p. 149) afirma que “esse processo [o de aprender uma língua estrangeira] implica que essa outra língua e os saberes que ela pode supor entrarão em relações (de captura ou identificação, de resistência, de confronto) com a malha de uma subjetividade já inscrita em determinadas filiações de sentido.” É por isso que o encontro com uma língua outra, por mais que o sujeito se sinta acolhido por ela³, inevitavelmente causará movimentos nas redes de

¹ Licenciado, mestre e doutor em Letras pela UFRGS, professor do IFRS-Campus Feliz, e membro do Coletivo de Estudos em Linguagens e Artes (CELinA - IFRS), e do Grupo de Estudos Pecheuxianos (GEP- UNIPAMPA).

² A este conjunto de modos de dizer da(s) língua(s) que se inscrevem no sujeito para constituí-lo é dado o nome de “Corporidade Discursiva” (AIUB, 2018).

³ Segundo De Nardi (2009, p. 188), “para ser sujeito na língua não basta, portanto, aprendê-la; é preciso sentir-se acolhido por ela, e muitas vezes é justamente esse sentimento de não pertencimento que, para além das estratégias, torna infrutífero o encontro do sujeito com a língua do outro”.



significação, nos laços identitários, rearranjando o sujeito, colocando-o frente a diferentes modos de dizer que extrapolam uma questão meramente sintática ou lexical, pois mexem com a historicidade, com as condições de produção de determinada língua-cultura.

Assim, este *dar de encontro* com a língua estrangeira proporciona que as línguas (materna e estrangeira) sejam imbricadas na constituição subjetiva. Daí o sujeito no entremeio das línguas. Contudo, há de se dizer que existe uma primeira língua, aquela da estruturação subjetiva, aquela cujas redes de significação serão a base fundante para o sujeito. Com isso, não se está afirmando que estas bases fundantes das redes de significação são estanques e imóveis. O que se pretende mostrar é que, pelo menos em um contato inicial com uma outra materialidade linguística, o alicerce para estabelecer os sentidos ocorrerá predominantemente pelo viés desta língua estruturante, juntamente com toda a sua carga sócio-histórico-ideológica. Assim, conforme o contato com uma língua estrangeira vai se intensificando, estas bases fundantes vão sofrendo uma desacomodação, pois “sujeitar-se às formas de dizer de outra ordem simbólica, em potência, implicará movimentos-sujeito, implicará uma subjetividade sendo solicitada e tomada em redes de memória – o que dá lugar a filiações identificadoras” (CELADA, 2007, p. 360).

Nesta direção, cabe mobilizar estes “movimentos-sujeito”, pois os modos de dizer de outra ordem simbólica (de outra língua) se (im)põem ao sujeito. Faz-se a defesa de que não é por ter ocorrido uma alternância na materialidade simbólica, não é pelo fato de enunciar em outra língua, que o sujeito passa a assumir outra posição-sujeito na esfera discursiva. Em outras palavras, não é pela alteração de uma materialidade simbólica que o sujeito é jogado em uma outra Formação Discursiva (cf. PÊCHEUX, 2009). Neste prisma, o que existe é justamente uma necessidade de um movimento subjetivo que abarque uma outra matriz de filiações sócio-históricas, que é quando se diz/interpreta em uma língua estrangeira. Se uma palavra não é colada a uma coisa, tampouco uma língua é colada em outra para designar/nominar estas coisas. Portanto, a relação do sujeito com a(s) língua(s) e suas respectivas filiações sócio-históricas são mobilizadas quando uma outra materialidade simbólica entra em cena. Não é a mudança da materialidade simbólica que fará com que o sujeito alterne sua posição na esfera discursiva, mas o que se pretende mostrar é justamente uma mudança de uma outra ordem, razão pela qual, para se afastar de certo modo da posição-sujeito de uma FD, nomeou-se *postura subjetiva* (AIUB, 2018), cuja relação se dá mais diretamente aos modos de dizer característicos de cada língua e esse processo de inscrição do sujeito a estes (outros) modos de dizer.

Neste sentido, defende-se que as línguas possuem modos de dizer específicos, mas não são todos tão distintos a ponto de não haver semelhança alguma. É possível dizer, pois, que há mais semelhanças que diferenças, razão pela qual perdura a ilusão de que aprender uma língua estrangeira é memorizar léxicos e aplicá-los em uma estrutura sintática pré-definida. São, portanto, essas diferenças nos modos de dizer em especial que tornam as línguas singulares umas em relação às outras. Assim, é essa singularidade de uma determinada língua que vai fazer com que haja um movimento do sujeito para que ele possa dizer de acordo com as suas filiações sociais, históricas e ideológicas, pois, como diz Orlandi (2007), “quando



nascemos não inventamos uma língua, entramos no processo discursivo que já está instalado na sociedade e desse modo nos submetemos à língua subjetivando-nos".

Neste viés, pode-se dizer que existe um sujeito desejante justamente porque há uma busca por poder dizer o que não se pode dizer na língua materna. E ao mesmo tempo, há a resistência à língua outra se dá pelo receio de que esta estrangeiridade subtraia do sujeito o efeito de aconchego que a língua materna oferece. Dito isto, afasta-se aqui a proposta de pensar o ensino de línguas centrado na concepção de língua como instrumento de comunicação. Trata-se de apresentar esta relação entre línguas materna e estrangeira como aporte de posicionamento, ou seja, é pelo contato com o outro que se tem a possibilidade de perceber novos modos de dizer, inclusive na língua que denominamos materna. É por esse contato com esta estrangeiridade que se pode ter uma tomada de um outro lugar para dizer.

Entende-se que este processo de assujeitamento se dá a partir de uma inscrição do sujeito em uma língua. No caso do processo de ensino de línguas estrangeiras, trata-se de um processo de inscrição em outra materialidade linguística, a inscrição em outros modos de dizer. Portanto, o que se defende é que os modos de dizer do sujeito se modificam quando da inscrição em uma língua outra. Assim, quando se fala em aprendizagem, está se falando de um processo no qual o sujeito se deixa capturar por uma língua outra. Para Mannoni (1994 *apud* SERRANI-INFANTE, 1998, p. 253), "uma identificação é uma captura. Aquele que se identifica talvez creia que está capturando o outro, mas é ele quem é capturado", de tal modo que há um processo de identificação com o outro, e é neste espaço que o estranho deixa de sê-lo para passar a fazer parte do que é familiar. Em suma, pode-se dizer que a complexidade do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira possui um caráter com predominância contraditória, pois

de um lado, é uma experiência mobilizadora em direção ao novo mas, pelo mesmo movimento, ao serem solicitadas as bases mesmas da estruturação subjetiva e com isso a língua materna, a experiência mobilizadora mais determinante é a que afeta substancialmente as discursividades fundadoras, constitutivas do sujeito (SERRANI-INFANTE, 1997, p. 17).

Para que o sujeito diga em uma língua estrangeira, considerando que este dizer não seja uma reprodução, é preciso que haja uma identificação com essa outra materialidade linguística, com todos os conflitos que esse processo pode trazer. Menciona-se a questão dos conflitos na tensão que se estabelece entre os laços de identificação do sujeito com a primeira língua, a língua estruturante, a língua das experiências mobilizadoras, no contraponto com a língua estrangeira, língua com outra historicidade, outra materialidade linguística que dá ao sujeito a possibilidade de outras filiações sócio-históricas. Daí poder dizer que o encontro com uma língua estrangeira causa certa desacomodação ao sujeito, dando a ele a possibilidade de encontrar novos modos de dizer. É nesta perspectiva que Revuz (1998, p. 230) expõe:

a aprendizagem de línguas estrangeiras esbarra na dificuldade que há para cada um de nós, não somente de aceitar a diferença, mas de explorá-la, de fazê-la sua, admitindo a possibilidade de despertar os jogos complexos de sua própria diferença interna, da não coincidência de si consigo mesmo, de si com os outros, de aquilo que se diz com aquilo que se desejava dizer.



Lidar com esse estranho da outra língua é, portanto, algo que custa ao sujeito, pois isto acaba por movimentar as redes de significação já instauradas, mas não consolidadas. Esse movimento causado pelo encontro com essa estrangeiridade, para uns, é o desejo pelo outro, desejo pelo espaço de completude, um alhures, uma busca por dizer diferentemente, é a ilusão da concretização de um desejo de sair das rédeas (im)postas pela língua materna, esse movimento é a própria manifestação do desejo de um lugar de exílio. Para outros, entretanto, esse mesmo movimento causa desconforto, instabilidade, repulsa, e é um sinal para que deste lugar o sujeito fuja, é o lugar a se escapar. Sendo assim, entre sofrer a inscrição de uma língua estrangeira e o desejo de aprendê-la, apresentam-se ao sujeito desentendimentos, falhas, desconforto, mas também aconchego e acolhimento. Assim, é possível afirmar que, para além das redes de significações, há outros modos de dizer da língua estrangeira que se entrelaçam a um modo de dizer da língua materna.

Portanto, para que o ensino de uma língua estrangeira ocorra, é preciso que haja uma identificação do sujeito com esta outra língua. E, quando se fala de uma identificação, não se pode resumir a um simples gostar ou não gostar da outra língua, mas é preciso pensar esta identificação como um processo no qual o sujeito inscreve a sua discursividade, colocando-se na língua e esta, por sua vez, age num processo de captura. Ainda, é relevante trazer as seguintes colocações:

as práticas de ensino de línguas estrangeiras em contextos formais de aprendizagem podem ser pensadas como processos de inscrição na ordem da língua outra. Estes estariam marcados por *identificações*: o sujeito seria capturado por formas e sentidos dessa língua, e essa série de capturas vai tramando sua inscrição na ordem da outra língua, aspecto que nos leva a frisar que tudo não tem como acontecer a não ser como vinculado (“entrelaçado” ao processo – maior, mais amplo – de subjetivação, nunca encerrado) cujo protagonista é o sujeito da linguagem (CELADA, 2013, p. 49).

Ao considerar o sujeito de linguagem, pode-se dizer que, quando uma língua outra intervém em sua constituição, juntamente com a língua materna, outras representações entram em cena e se mesclam. Portanto, se o imaginário de que as palavras se ligam às coisas já se rompe na própria língua materna, quando outra materialidade linguística entra em cena, isso tende a se tornar um pouco mais evidente. Cavallari (2016, p. 156-7), ao falar do processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, afirma que “o peso das palavras e expressões da língua materna é diferente do peso adquirido e sentido na língua estrangeira, o que vai provocar um deslocamento das marcas anteriores e confrontar o aprendiz com outro recorte do real”. Cabe dizer que este deslocamento também é um modo de o sujeito ser posto em movimento, é uma maneira de rearranjar suas redes de significação, pois é justamente quando ele dá de encontro com esses estranhos modos de dizer e, por conseguinte, com outras formas de se submeter à língua para poder dizer, que há uma necessidade de reconfiguração identitária. Dizer em língua estrangeira é sempre dizer de outra forma e, por isso, o processo de identificação com essa outra língua está longe de ser homogêneo e estável.

Assim, ao se entender a identificação como uma referência ao dizer, está-se também afirmando que este processo de aprendizado de uma língua não pode ser tido como totalmente consciente, isto é, sem



brechas para falhas, como se o sujeito pudesse apre(e)nder esta outra língua por um gesto pensado. Aprender uma língua estrangeira é um processo que passa pela inscrição do sujeito em outra materialidade linguística, e como esta inscrição nunca é estável, há deslizes e rupturas.

Para finalizar, vale mencionar que o encontro com modos de dizer distintos faz com que o sujeito possa questionar sobre o *seu* modo de dizer, dando, assim, a possibilidade de estabelecer outras redes de significação. Justamente por se tratar as línguas (materna e estrangeira) como estatutos da linguagem, a língua materna, por ser a base da fundação psíquica do sujeito, por si só já carrega uma história (da língua e do sujeito) e, por esse motivo, essa língua primeira traz em si um sujeito já barrado/interditado. Por outro lado, essa carga de história subjetiva na língua estrangeira é menor, pelo menos a um sujeito em processo inicial de aprendizagem desta língua. Se a língua materna dá ao sujeito certos contornos nos modos de dizer, a língua estrangeira coloca ao sujeito um efeito de ausência dessa carga histórica e o sujeito tem a impressão de tudo poder dizer. Desta forma, a partir da inscrição do sujeito em uma segunda língua, “o processo de significação incide sobre e advêm especificamente da materialidade linguística historicamente instalada, de seus sentidos socialmente aceitos como memória e de seus efeitos no sujeito, no seio dos processos de significação” (PAYER, 2013, p. 185). Em outras palavras, assim como o sujeito não escapa às condições sociais e históricas, tampouco fica livre de uma memória outra que estabelece outras redes de significação diferentes daquela às quais ele foi submetido desde sua inscrição na linguagem através de uma língua primeira: língua com função estruturante, a língua de suas bases psíquicas. Como a memória é da ordem da repetição, a memória na constituição subjetiva se dá por uma língua primeira do sujeito, esta se faz extremamente resistente no processo de constituição das redes de significação, pois “antes de falar, todo sujeito está imerso em um mundo de dizeres, no qual há sempre interpretações (implícitas ou denegadas) sobre a criança e seu sentir, sobre o mundo a sua volta, sobre expectativas em relação a ele e assim por diante” (SERRANI, 2003, p. 285). É por isso que o encontro com outra materialidade linguística é uma experiência mobilizadora que faz com que o sujeito se movimente, ora na instauração de novas possibilidades de estabelecimento de redes de significação e de memórias outras, ora no movimento de resistência com relação a novos modos de dizer e de se postar frente ao dizer do outro. Por fim, ao citar Grigoletto (2006, p. 21) que diz: “uma identidade sempre ‘erra’, no sentido de que fica sempre aquém da projeção que se faz dela, não sendo portanto, idêntica a ninguém ou a nada. Esse ‘erro’, perfeitamente normal [...], deve-se ao nosso inconsciente e ao fato de sermos sujeitos de desejo, sempre incompletos”, proponho que pensemos a língua estrangeira como uma namorada, a namorada de Manoel de Barros, descrita no poema *Um olhar*.

*Eu tive uma namorada que via errado. O que ela
Via não era uma garça na beira do rio. O que ela
Via era um rio na beira da garça. Ela despraticava
As normas. Dizia que seu avesso era mais visível
Do que um poste. Com ela as coisas tinham que mudar
De comportamento. [...]*

REFERÊNCIAS

- AIUB, G. F. *Corporeidade Discursiva*: os modos de dizer do sujeito no entremeio das línguas materna e estrangeira. 2018. 227f. Tese (Doutorado em Letras) Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2018.
- BARROS, M. *Memórias Inventadas*: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planta do Brasil, 2008.
- CAVALLARI, J. S. Emergências subjetivas no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira. In: PAYER, M. O.; CELADA, M. T. (org.). *Subjetivação e processos de identificação: sujeitos e línguas em práticas discursivas – inflexões no ensino*. Campinas/SP: Pontes, 2016. p. 147-167.
- CELADA, M. T. Linguagem, sujeito. Forçando a *barra* em língua estrangeira. In: CARMAGNANI, A. M. G.; GRIGOLETTO, M. (org.). *Língua, discurso e processos de subjetivação na contemporaneidade*. São Paulo: Humanitas, 2013. p. 43-75.
- CELADA, M. T. O que quer o que pode uma língua? Língua estrangeira, memória discursiva, subjetividade. *Letras* (UFSM), Santa Maria/RS, v. 18 n. 2, p. 145-65, jul./dez. 2008.
- CELADA, M. T. Língua Materna/Língua estrangeira: um equívoco que provoca interpretação. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C. (org.). *Análise do Discurso no Brasil*: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos/SP: Claraluz, 2007. p. 357-372.
- DE NARDI, F. S. Entre a rejeição e o acolhimento na língua do outro. *Desenredo* (UPF), Passo Fundo/RS, v. 5, n. 2, p. 182-193, jul./dez. 2009.
- GRIGOLETTO, M. Leituras sobre a identidade: contingência, negatividade e invenção. In: MAGALHÃES, I.; CORACINI, M. J.; GRIGOLETTO, M. (org.). *Práticas identitárias*: língua e discurso. São Carlos/SP: Claraluz, 2006. p. 15-26.
- ORLANDI, E. P. A questão do assujeitamento: um caso de determinação histórica. *ComCiência [online]*, (UNICAMP), Campinas/SP, n. 89, jul. 2007. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=26&id=296>. Acesso em: 09 nov. 2019.
- PAYER, M. O. Processos, modos e mecanismos de identificação entre o sujeito e a(s) língua(s). *Gragoatá* (UFF), Niterói/RJ, n. 34, p. 183-196, 1. sem. 2013.
- PÊCHEUX, M. [1975] *Semântica e discurso*: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni P. Orlandi. 4. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2009.
- REVUZ, C. A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. Trad. Silvana Serrani-Infante. In: SIGNORINI, I. (org.). *Língua(gem) e Identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 213-30.
- SERRANI, S. Memórias discursivas, línguas e identidades sócio-culturais. *Organon*: discurso, língua e memória (UFRGS), Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 283-298, 2003.
- SERRANI-INFANTE, S. Identidade e segundas línguas: as identificações no discurso. In: SIGNORINI, I. (org.). *Língua(gem) e identidade*: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1998. p. 231-64.
- SERRANI-INFANTE, S. Diversidade e alteridade na enunciação em línguas próximas. *Letras* (UFSM), Santa Maria/RS, n. 14, p. 1-19, jun. 1997.